

# UM FUNCIONÁRIO DA MONARQUIA

# Histórias de família

por Ana Luisa Escorel

## I

A origem do interesse de Antonio Candido por um burocrata do segundo escalão, ativo em boa parte do reinado de d. Pedro II, reside no fato de que descendia dele por via materna. Antônio Nicolau Tolentino era bisavô de Antonio Candido e, assim, na pesquisa que realizou para pôr de pé *Um funcionário da monarquia*, combinou a curiosidade pela história do país com a curiosidade pela história da própria família. Porque para Antonio Candido, a relação com os antepassados se dava de forma diversa do que ocorria à volta dele no círculo dos conhecidos, dos amigos e dos parentes. O interesse pela maneira de ser e pelos traços biográficos dos que o antecederam no universo familiar, pelas histórias que os cercavam, contadas e recontadas ao longo dos anos com maior ou menor fidelidade; pelas passagens interrompidas por hiatos que ele se empenhava em preencher, levantando hipóteses no desejo de suprimir lacunas; o compromisso de recompor a teia das relações

**“Antonio Candido contava que, em menino, tinha o hábito de ficar sentadinho perto dos adultos, seduzido pelas prosas infundáveis.”**

---

no interior dos ramos diretos ou colaterais, dos quatro costados e também entre um dado tronco e os que chegavam de núcleos familiares externos, assim como a curiosidade pelo destino e pelo comportamento de gente nascida em outro tempo, revelava uma atração em nada parecida com a situação usual um tanto automática, digamos assim, normalmente restrita ao conhecimento de um passado próximo.

De fato, na maioria dos grupos familiares brasileiros — e isso talvez seja uma das marcas de países novos, como o nosso —, não obstante a extração social, costuma-se chegar a algum conhecimento das origens até os avós, no máximo. Nesse terreno, as noções da maioria não vão muito adiante, não se arriscam trajetórias familiares adentro nem mostram capacidade para refletir sobre as causas, as consequências e os fatos determinantes dessas trajetórias. Por outro lado, a norma tende a pender para o enaltecimento dos antepassados, seja no plano moral, seja no plano social, tendência que passava ao largo de Antonio Candido ao examinar as várias circunstâncias e o comportamento de seu ramo de origem, a cujos membros se referia por um viés ora crítico, ora filtrado pelo tipo de camaradagem que costuma marcar o convívio entre velhos conhecidos, como se toda uma gente, morta havia dezenas de anos, fizesse parte das relações próximas dele, tal a intimidade com que a tratava.

Ainda a respeito do fascínio pelos mais velhos e suas histórias, Antonio Candido contava que, em menino, tinha o hábito de ficar

sentadinho perto dos adultos, seduzido pelas prosas infundáveis e, tanto nas visitas que os pais recebiam, quanto nas visitas a que ia, levado por eles, quando se entrava pelas divagações próprias de qualquer conversa sem rumo preciso — algumas inadequadas para a escuta de uma criança —, havia sempre quem, ao se dar conta da atenção do menino, pedia cuidado na condução dos assuntos.

Vale a pena lembrar, também, que na infância de Antonio Candido a expressão oral, por meio da conversa, era a via por excelência de sociabilidade: através dela a história familiar era transmitida e as informações iam passando de grupo em grupo, de geração em geração. E como provavelmente um dos fatores estruturantes da personalidade de Antonio Candido tenha sido o convívio com comunidades familiares vindas de culturas muito diferentes — a paterna refletia os hábitos da pequena oligarquia agrária de Santa Rita de Cásia, cidadezinha ao sul de Minas; a materna havia sido caprichosamente tecida por gente escovada da corte —, para o menino, a justaposição dessas duas experiências teria permitido um considerável enriquecimento da visão de mundo. E fosse na província, fosse na capital, era principalmente por meio do trato direto e da prosa que as relações sociais se davam, fixando sentidos, determinando a posição dos grupamentos familiares e, no interior deles, o lugar de cada uma das figuras que os compunham. Porque, sem internet, sem televisão, pouco cinema, rádio, telégrafo e telefone, contando apenas com esparsos periódicos impressos, para seguir o curso dos acontecimentos, as pessoas se viam condenadas, por assim dizer, à relação face a face, às longas trocas pessoais, meios privilegiados através dos quais a informação ganhava legitimidade para circular. Por outro lado, talvez faça sentido chamar a atenção para mais uma circunstância, nessa tentativa de entender o apego de Antonio Candido pelo universo da cultura familiar e, nesse universo, pelo fator genealógico, certamente tomado por ele como fonte importante de conhecimento de si mesmo, do próximo e do país.

Tendo nascido e crescido nesse ambiente, anterior ao estouro das tecnologias da comunicação, manteve-se, ao longo dos anos, fiel ao contato direto, ao qual acrescentava boa dose de interesse pelo interlocutor — fosse quem fosse —, interesse que acabava batendo, a partir de certa altura da conversa, justamente na esfera da genealogia e na busca das origens do outro. E assim era que, transposto um prólogo de certa neutralidade, pautado pelas normas da cortesia, a cada novo encontro costumava ir, indagações adentro, atrás dos dados familiares do recém-chegado, isso quando já não os conhecia de antemão. Porque o arsenal de informações que enfiava acerca de grupos de indivíduos de toda espécie era único, resultado, entre outras causas, desse empenho em situar, nos respectivos contextos, as relações que ia fazendo ao longo da vida, como forma de aproximá-las de alguma maneira dele próprio e, também, deixá-las à vontade, mostrando, ao mesmo tempo, interesse e respeito pela procedência e pela maneira de ser de todas. De tal forma que, pertencesse a pessoa a uma família de certo destaque na escala social, ou tivesse extração modesta, não apenas a curiosidade de Antonio Candido se mantinha a mesma, como o trajeto palmilhado pelo grupo de onde o outro vinha acabava sendo revelado por Antonio Candido, não raro melhor conhecedor de aspectos da genealogia da pessoa à sua frente do que ela mesma, passando a desfiar, para alguém no mais das vezes perplexo, histórias que lhe diziam respeito e das quais, no entanto, nunca tivera notícia.

Nesse sistema de comunicação a figura do parente mais velho aparecia dotada de grande importância já que, tendo aproveitado muito pouco a presença dos avós — dois mortos antes que ele nascesse, dois outros mortos ele pequeno de tudo —, era ao pé das tias, dos tios e dos primos, vindos antes dele, que Antonio Candido se detinha, tomado pelos relatos muitas vezes expostos com exageros de berloques, penduricalhos elaboradíssimos com que a distância do acontecido tendia a enfeitar a memória. Mas se no trato

com essa pequena multidão — de parentes dele, de Gilda, de amigos e de todos com quem viesse a conviver mais de perto — Antonio Candido tivesse chegado a desenvolver um tino apurado, distinguindo com facilidade as versões fantasiosas das verossímeis no tocante à história familiar de cada um, de vez em quando acabava vítima do excesso de confiança na própria argúcia, derrapando nas curvas de narrativas que o induziam a juízos inexatos sobre os próprios antepassados, tendendo a dar valor a alguns, sendo restritivo em relação a outros, nem sempre com base em dados objetivos, mas por conta de um prisma caprichoso originado na resistência ao modo de ser de ramos familiares, por alguma razão, pouco simpáticos a ele.

Assim, a partir do que ouviu e interpretou dessa escuta — à qual juntou uns tantos dados documentais que, já adulto, se impôs levantar e descrever em *Um funcionário da monarquia* —, valorizava muito um dos bisavôs maternos — nascido em 1810, falecido em 1888 —, self-made man de origem social obscura, que fez carreira pública brilhante no Segundo Império, opondo-o a parentes de outros ramos, situados em troncos muito bem postos, bastante respeitáveis e consideravelmente prósperos. Mesmo tendo conhecimento de um gesto cometido por esse bisavô idealizado, em nada comparável — porque pior — aos inofensivos desfrutes de outros

---

**“Vale a pena lembrar, também, que na infância de Antonio Candido a expressão oral, por meio da conversa, era a via por excelência de sociabilidade: através dela a história familiar era transmitida e as informações iam passando de grupo em grupo, de geração em geração.”**

ramos familiares, por exemplo, ao qual era crítico dado um conjunto de pequenos deslizes sem maior gravidade.

De fato, esse bisavô — Antônio Nicolau Tolentino — sempre chamou a atenção de Antonio Candido justamente por ter chegado a altos postos administrativos, apesar dos inícios mais que nebulosos. Foi ou filho de agricultores modestos, da região de São Gonçalo, em Niterói; ou produto da ligação ilegítima de uma senhora respeitável com um religioso de projeção, na hierarquia da Igreja brasileira; ou, ainda, personagem possível de outro enredo, diverso dos anteriores, já que nunca se soube qual dessas histórias continha alguma dose de verdade. Ao que tudo indica, Tolentino trancou a sete chaves a verdadeira origem e tudo o que corre em volta desse assunto não passa de especulação, tendo sido registrado como filho de Francisco José Tolentino e de Ana Maria do Amor Divino, segundo consta em *Os chefes do executivo fluminense*, de Luiz Lacombe (Petrópolis: Museu imperial, 1973, pp. 26-7). E embora tenha feito uma ascensão notável — chegou à presidência da província do Rio de Janeiro, a mais importante do Império —, na escalada social não hesitou em tentar se ver livre de uma chapeleira italiana com quem viveu bom tempo e com quem teve duas filhas — ambas, diga-se em seu benefício, devidamente reconhecidas. O propósito dessa tentativa pouco edificante era, com certeza, desobstruir o caminho rumo ao casamento com uma herdeira rica, fato que fecharia, para Tolentino, o ciclo da ascensão social e, por isso, tentou se

---

**“Nos processos penais descritos no livro por Antonio Candido, com fatura de detalhes, fica evidente a relação simbiótica entre corrupção e clientelismo.”**

ver livre da pobre, sendo impedido por um político atuante na área dos assuntos da imigração que, conhecendo os motivos para o repatriamento, barrou-o sem hesitar, deixando à tal senhora a companhia das filhas de quem Tolentino ensaiou separá-la, mostrando uma frieza de sentimentos em nada condizente com a descrição que se fazia dele como homem reto e gentil, dotado de extrema afaabilidade no trato com todos. Acrescente-se a esse perfil mais que suscinto de um funcionário público de conduta irrepreensível — que não teria se contaminado, apesar do longo convívio, com os vícios da nata do poder, no Brasil daquele tempo — traços negativos, próprios da hegemonia masculina que, até hoje, põe e dispõe de tudo ao redor, definindo e manejando a seu modo a dinâmica dos valores e dos costumes, em âmbito planetário.

No tocante às causas profundas das dificuldades enfrentadas por Tolentino, nos rumorosíssimos embates nos quais se envolveu no decorrer da vida pública, Antonio Candido polvilha ao longo do texto de *Um funcionário da monarquia* três hipóteses, aventando: a origem social nebulosa, volta e meia usada como pretexto para desacreditá-lo e atacá-lo pessoal e profissionalmente; o estrito compromisso com a qualidade, o bom andamento e a eficiência do serviço público, condições malvistas tanto por políticos quanto por uma extensa categoria de funcionários, ambos grupos que se aproximavam da burocracia do Estado antes de mais nada para usá-la em benefício próprio; certa dificuldade em lidar com questões atinentes à diplomacia política, para a qual não se sentia talhado, mesmo que ela fosse um prolongamento natural dos altos cargos que veio a ocupar.

Como não fosse político, mas um burocrata aplicado na tentativa de moralizar o serviço público através da instituição de carreiras pautadas por normas precisas de ingresso e progressão, Tolentino buscou livrá-las da dependência do clientelismo, tão corrente no Brasil do Segundo Império como continua sendo até hoje; livrá-las

de situações que propiciavam as práticas corruptas em todas as esferas da administração pública: circunstância análoga àquela com a qual ainda se convive no Brasil, entra ano, sai ano. E sob esse aspecto *Um funcionário da monarquia* é exemplar porque expõe, com minúcia, uma chaga que não fecha jamais, perpetuando-se, não obstante a tintura ideológica dos que respondem pelo poder, em muitas de suas formas e categorias.

Nos processos penais descritos no livro por Antonio Candido, com fartura de detalhes, fica evidente a relação simbiótica entre corrupção e clientelismo, dinâmica arraigada no serviço público no Brasil daquele tempo, que o bem-intencionado funcionário, apesar do empenho, não conseguiu dobrar, dada a solidariedade inquebrantável entre os vícios de comportamento das classe dominantes e a ineficiência de uma burocracia venal, posta onde sempre esteve para servir aos interesses do privilégio e atender, basicamente, ao trem de vida dos de cima.

2

Outra face do livro que talvez valha a pena observar consiste na solução dada a seus aspectos materiais e à migração do texto, de um formato puramente artesanal para outro, resultado de seriação mecânica.

Publicado em 1985 como apostila impressa em mimeógrafo — com tiragem de 35 exemplares, distribuída pelo autor entre alguns amigos e descendentes de Tolentino —, por volta de 1999 o texto foi cedido à recém-criada Ouro sobre Azul, vindo se constituir, em 2002, no segundo lançamento da editora.

**“Os livros têm seu fadário, e o destino deste tem sido descolar-se do âmbito privado dos parentes e dos amigos próximos para continuar alargando seu público.”**

---

Naquela altura o propósito era, entre outros, fazer da Ouro sobre Azul um canal para a edição de livros ilustrados, por conta da ideia de que o leitor, de maneira geral, tendia a fruir a imagem como dado decorativo e não, segundo convicção da editora, como informação com grau de relevância equivalente ao texto.

Essa conduta, na qual se assentou, desde o princípio, a atividade editorial da empresa no tocante ao aspecto gráfico dos produtos que editava e, mais particularmente, à valorização da imagem como fonte importante de informação, respondia a um princípio de projeto que, naquele momento, a Ouro sobre Azul buscava praticar.

Nessa trilha, para a edição de *Um funcionário da monarquia*, armou-se uma equipe em torno do eixo da pesquisa iconográfica, informada por um exaustivo levantamento extraído de centenas de indicações acerca de imagens, sugeridas pelo texto. A partir daí, a orientação dada à pesquisadora contratada foi de que mantivesse o foco em material, sempre que possível, inédito, limite que colocou para ela um universo novo de questões já que, até ali, não havia atuado em equipes chefiadas por designers, nem estava habituada ao campo de condições valorizadas por essa categoria profissional: sua prática tinha se dado principalmente como apoio a obras de cientistas sociais. Por isso estranhava muito quando, diante do pedido de que buscasse registros de um dado figurão do Segundo Império, mencionado por Antonio Candido, e indo atrás da obra do litógrafo Sébastien Auguste Sisson — fartamente utilizada pelos

estudiosos brasileiros do século XIX —, via suas sugestões recusadas pela equipe de design comprometida, ao mesmo tempo, com a qualidade visual da imagem e seu ineditismo. Passado pouco tempo, no entanto, a pesquisadora acabou inoculada pelo vírus e, quando voltava das incontáveis visitas pelos arquivos do Rio de Janeiro, locais privilegiados de material para o período tratado no livro, a primeira frase que soltava, com expressão vitoriosa, antes mesmo de mostrar o que tinha conseguido era: “Imagem inédita!”, revelando, com isso, ter sido conquistada pelo espírito da editora.

Resultado: anos depois, comparando o volume mimeografado — folhas manchadas, soltando-se a cada passagem de página, papel áspero arranhando o tato — com o livro produzido e impresso com extremo cuidado editorial em todas as suas etapas, o leitor pode experimentar o alcance de um projeto gráfico consciencioso e seu potencial de enriquecimento das intenções do autor. Porque o texto nunca deixou de ser, sem tirar nem pôr, o mesmo escrito por Antonio Candido tanto na versão em mimeógrafo quanto na primeira edição ilustrada. A diferença recaía na riqueza imagética proposta que trazia a reconstituição de toda uma época por meio de objetivos de projeto precisos que, somados à generosa iconografia, mergulhava o leitor no tempo retratado, alargando as fronteiras do conteúdo proposto pelo autor.

Não foi por outro motivo que Antonio Candido, como tantos intelectuais, meio avessos ao livro ilustrado como fonte mais que legítima de informação, depois do produto impresso, não conseguia parar de folheá-lo, encantado com o prazer de tê-lo entre as mãos: “Este livro está me fazendo muito mal: tenho um mundo de coisas para tratar e não consigo me desprender dele!...”.

Ainda num terceiro trajeto do mesmo texto, esse título voltou ao formato despido de imagens da versão mimeografada e foi reimpresso em tamanho menor para atender a Roberto Schwarz, que aconselhara à Ouro sobre Azul torná-lo acessível a estudantes

numa edição barata, que veio a público em 2007, em mais uma reviravolta do mesmíssimo original. Isso porque Roberto destaca *Um funcionário da monarquia* como um modelo de estudo sobre o clientelismo e a corrupção, circunstâncias crônicas no interior das instituições brasileiras, devendo, por consequência, chegar ao conhecimento do maior número possível de leitores.

Finalmente, como já disse Antonio Candido em algum lugar, os livros têm seu fadário e, o destino deste, tem sido descolar-se do âmbito privado dos parentes e dos amigos próximos para continuar alargando seu público como ensaio sagaz sobre os procedimentos perversos do primeiro, do segundo e de todos os escalões — existentes e por existir — ativos na burocracia brasileira desde sempre.



**Ana Luisa Escorel** é designer, editora e escritora. Formada pela ESDI/UERJ, atuou por dois anos como designer jr. no escritório de Aloísio Magalhães e dez como freelancer, até constituir o A3 com Evelyn Grumach e Heloisa Faria, com quem mais tarde fundou o 19 Design. Em 2003 deu início à Ouro sobre Azul e é autora, entre outros, de dois livros sobre design, dos romances *Anel de vidro*, *Dona Josefa*, *O fastio do Diabo*, e da biografia ilustrada a *A formação de Antonio Candido*.